

RELATÓRIO² FINAL

PROJETOS EXPERIMENT.
ANA PAULA MARCILI

RUA CUBA 109

JUNHO 90

CENA 1, INTERIOR - DIA

A imagem é de um rio turbulento, de águas escuras. Ana Paula anda freneticamente, de um lado para o outro, pelos corredores do curso de jornalismo. Tudo o que essa garota havia imaginado para seu trabalho final estava se derretendo como gelo longe do frio. Indecisão típica da pré-adolescência ou falta de orientação em técnicas de projeto? Ela não sabia ao certo. A andança continuava pelos corredores.

CENA 2, INTERIOR - DIA

Ana Paula está em seu quarto, longe de qualquer tipo de interferência externa. Sõ o latido das cadelas se une às fortes batidas do teclado da velha máquina de escrever. Mas ainda não há solução. Quase duas centenas de folhas de papel gastas sem que ela, no entanto, tivesse idéia do projeto. Isso porque, desde a primeira fase, ela sonhava (ou pensava?) em fazer um projeto "do caralho". A máquina continuava a trabalhar quando Ana Paula Parou de pensar, parou de escrever e resolveu, drasticamente, que queria fazer um trabalho que ninguém tivesse ainda pensado.

CENA 3, INTERIOR - DIA

O curso continuava o mesmo de 86: a mesma praça vermelha, os mesmos bancos, nenhum jardim. As pessoas continuavam as mesmas velhas pessoas. Ana Paula, sem mesmo ou nenhuma malícia, resolveu contar a um de seus professores o que havia pensado como projeto.

ANA PAULA

O que é que você acha de eu fazer uma fotonovela? Eu poderia colocar alguma história bem picante, um crime...seria legal porque nunca ninguém fez isso dentro do curso, você não acha?

PROFESSOR

Não, eu não acho. Por que é que você não faz alguma coisa mais simples? Você não gosta de foto? Então por que não faz uma exposição e deu pra bola? Além do mais, fotonovela!!!!

ANA PAULA

Mas o projeto não é experimental? Por que é que eu tenho que fazer uma grande reportagem ou algo parecido?

PROFESSOR

Por que vai ser mais fácil pra você, Paulette. Vai ser difícil você imprimir, é um projeto muito caro...e o curso não tem filmes pra dar pra você, entendeu???

CENA 4, INTERIOR - DIA

A garota volta para casa. Deita em sua cama que está cheia de folhas batidas à máquina com anotações sobre o projeto. Depois de quatro anos no curso de jornalismo ela se via num beco, com saídas para vários lados... mas sem placas de indicação. Teimosa, Ana Paula resolve procurar outra pessoa, alguém que resolvesse ser cúmplice de uma idéia que poderia se tornar um projeto legal. Ela corre para o curso novamente. O tempo já não é tão extenso. Tudo tem que ser feito com urgência.

ANA PAULA

Estou com dúvida, professora. Eu quero fazer um projeto...mas ninguém parece topar a idéia. Eu pensei em fazer uma fotonovela, não sei!!!

PROFESSORA

Acho legal a sua idéia. Por que é que você não faz uma história policial, transcreve a realidade em forma de ficção para a fotonovela? Uma coisa bem noir, talvez...

ANA PAULA

É, mas eu tive falando com outro professor e ele disse que isso não é jornalismo e que o curso não tem filmes pra liberar!!!

PROFESSORA

Então o que é jornalismo? Não se preocupa com isso. A gente pode pensar a partir de já o teu projeto!

PROJETO

Meu projeto começou assim: cheio de dúvidas, cercado de opiniões de pessoas que teme o que não é convencional. Depois de definida a minha orientação - lá pelo fim de março - fui para a parte técnica. Construção do roteiro, preparativos para a produção das fotos, escolha dos atores... tudo isso numa velocidade muito rápida, pois havia perdido muito tempo na definição da forma e do tema de meu trabalho.

A escolha do tema da fotonovela surgiu por acaso. Folheando algumas revistas meio antigas na hemeroteca dei de cara com a manchete "O Mistério da Rua Cuba". Eu sabia do que se tratava. Tinha acompanhado meio de perto todo o caso e, como estava atrás de um fato policial para ser tema do projeto, comecei a separar tudo o que se referia à esse crime e ler com bastante calma. Bastou um dia para eu saber que essa história era perfeita para mim. Tinha tudo o que um bom filme policial, por exemplo, deve ter. Muitos detalhes, furos, contradições. Mas o principal é que tinha duas coisas que eu desejava muito. Tinha morte e mistério.

O segundo passo foi a colheta de informações, que foi feita durante umas duas semanas em jornais e revistas da época em que ocorreu o crime, dezembro de 1988. Depois partí para outro trabalho. Seleccionei algumas revistas e jornais e fui anotando tudo o que era mencionado sobre o crime. A partir daí, comecei a comparar as informações. Tudo o que batia em mais de três ou quatro matérias em impressoras diferentes eu ia separando. Com isso cheguei à poucas (mas boas) informações. Aquelas que eram completamente irrefutáveis e que ninguém, por mais que quisesse, conseguiria encobrir.

Após feitas todas as anotações, pesquisas, veio a parte que mais me assustava: o roteiro. Como eu iria finalizar uma história que, na verdade, não teve exatamente um fim? Eu sabia que o filho do casal que havia morrido, Jorginho, estava indiciado mas não havia sido julgado. Sabia também que, por mais que as provas apontassem Jorginho como assassino, tinham outras hipóteses em torno do crime. As duas principais eram estas:

*o marido mata a mulher e é morto pelo filho

*o marido mata a mulher e suicida-se

ROTEIRO

Com essas informações, e também com as mesmas dúvidas da polícia e da imprensa, parti para a montagem do roteiro. Como se tratava de um projeto que envolvia ficção, tudo poderia ser bem mais maleável do que eu estava imaginando.

No primeiro roteiro entregue à minha orientadora, eu tinha feito uma reconstituição fiel (se é que isso pode ser possível!) do crime. Uma coisa muito dura, basicamente descritiva. "Isso aconteceu assim, depois aconteceu isso e terminou assim". E não era bem esse tipo de narrativa que eu estava pensando. Então, e depois de uma ampla conversa com a Soninha, tudo se abriu. Começamos a trocar idéias sobre a atuação da imprensa diante desse crime. "Talvez ela, a imprensa, tenha construído todo o crime e, quando chegou que era hora de acabar com ele, simplesmente deu-lhe um fim", pensei. Eu sei que é uma visão bastante radical, mas também sei que, em muitos casos, a imprensa tem unicamente esse papel.

Foi aí que eu criei o Olívio Junqueira, o protagonista da minha história. E foi justamente nesse personagem que eu coloquei toda essa carga, toda essa "culpa" da imprensa. Ele passou a ser, então, a representação viva a imprensa: indecisa, misteriosa, preocupada COM o crime e sua repercussão. Os outros personagens eu representei através de nomes falsos, mas as características físicas - e até emocionais - foram mantidas, embora todos os diálogos e cenas tenham sido feitos propositadamente forçados. Os verdadeiros nomes são: Jorge Toufic Bouchabki (Alberto), Maria Cecília Delmanto Bouchabki (Maria Luísa), Jorge Delmanto Bouchabki, Jorginho (Betinho) e Flávia (Fernanda).

CLIC !

Fotos. Tão esperadas, tive que produzir e realizar em duas semanas, isso porque eu sabia que a arte-final ocuparia boa parte do tempo. Aí nada foi muito complicado. Os atores eram todos meus amigos. Isso facilitou em muito, principalmente na hora de dirigir as cenas.

A arte-final foi uma das etapas mais difíceis pois, como eu queria misturar vários tipos de linguagem, ficou tudo muito demorado. Mas o resultado foi positivo, embora todas as letras que compõem a fotonovela pudessem ser mais perfeitas. Isso só não aconteceu porque não encontrei ninguém que pudesse fazer esse trabalho para mim.

Quanto às ampliações das fotos...muito ficaram a desejar. O papel que foi liberado pelo curso para mim não dava nem pro cheiro e eu realmente tive que fazer milagre.

IMPRESSÃO

...feita na última hora, depois de decisão tomada numa vazia e, como na maioria das vezes, indecente reunião do Conselho Paritário. Muitos álibis, poucos aplausos para um projeto nunca antes tentado. Por isso quase sempre é tudo assim aqui: muito cruel e divertido.